

Artes Visuais

Homenagem a Sérgio Millet

Sérgio Millet tem sua *Semana* desde o ano passado, quando a União Brasileira de Escritores teve a iniciativa de promovê-la, sob os auspícios das Secretarias de Cultura do Estado e do Município.

A *Semana Sérgio Millet* será, por força de Lei, comemorada anualmente entre setembro e novembro, meses que marcam o nascimento e a morte do crítico, jornalista, escritor, poeta e também pintor.

Sérgio Millet nasceu em São Paulo em 20 de setembro de 1898 e morreu aqui mesmo aos 67 anos em 9 de novembro de 1966.

Neste ano, a *Semana Sérgio Millet* foi comemorada de 23 a 28 de novembro, com vários eventos significativos, diretamente ligados à memória do homenageado, tais como a exposição de desenhos com êxito de apresentação de Lisbeth R. Gonçalves por ele adquiridos para o acervo da então Seção de Arte da Biblioteca Municipal, de que foi diretor, e da Biblioteca de Arte, subordinada ao IDART, e a apresentação de artistas da década de 40 para depoimentos, cujos trabalhos estavam expostos, e palestra no auditório da Biblioteca Municipal, de São Paulo Duarte, personalidade que dividia com Sérgio e com Mário de Andrade as responsabilidades de importantes movimentos culturais em São Paulo.

Vão aqui publicados entrevistas de Lisbeth Gonçalves, supervisora da Área de Artes Plásticas do IDART, órgão da Secretaria Municipal de Cultura, de Maria Eugênia Franco, historiadora desde os primeiros passos do IDART, ausente às homenagens por motivo de doença e resumos das falas de Mário Chamie, secretário de Cultura do Município, ao receber os artistas que deram seus depoimentos e de Paulo Duarte, em conferência na noite de 28 último.

Agradeco à equipe da área de Artes Plásticas do Centro de Pesquisas do IDART, Maria Vanessa Cavalcanti, Ivo Costa Mesquita, Raphael Ella, Ilsa Leal Ferreira e Leonardo Crescentini Neto, que colaborou realizando o levantamento de dados e informações que permitiram o trabalho que aqui vai publicado.

Fernando Cerqueira Lemos

Elemento catalisador

Muitos dos artistas que despontaram nos anos 40 estiveram em 23 de novembro no auditório da Biblioteca Municipal para, através de seus depoimentos, prestarem uma homenagem ao crítico e artista Sérgio Millet. Esta geração dos anos 30/40 — diz Frisbeth Gonçalves — deve ser localizada, mesmo que rapidamente, no seu ambiente histórico para podermos entender a figura de Sérgio e a sua real importância para o período. Poucas eram as oportunidades para a formação ou mesmo para a informação para quem, naqueles anos, pretendesse trabalhar com arte. São Paulo, no período, apesar de ter sido a cidade da *Semana de Arte Moderna* e da Universidade de São Paulo, oferecia poucas opções e além disso, estudos mais recentes sobre a *Semana de Arte e sobre a Fundação da Universidade de S.P.* acusam a mitificação feita em torno desses fatos se estudados dentro do ambiente cultural real em que ocorreram.

Frisbeth R. Gonçalves prossegue dizendo que dentro deste contexto Sérgio Millet surge como sendo um elemento catalisador de toda uma geração de artistas na sua maioria auto didatas. Conviveu também, com outros carentes de informação sobre a arte moderna.

"Pelos depoimentos prestados teremos aspectos não só da vida intelectual de Sérgio Millet, preocupado em entender, apoiar, e orientar os artistas, mas também será recuperada a ligação afetiva dele com toda uma época da moderna história da arte no Brasil.

"A Seção de Arte por ele criada e ativada por Maria Eugênia Franco funcionou como a 'escola de arte' para muitos destes artistas.

O lado afetivo

Mário Chamie, Secretário de Cultura da Prefeitura, recebeu no Auditório da Biblioteca, no dia 23, os artistas que deixaram registrado seus depoimentos, recordando a personalidade de Sérgio Millet. Com exceção de Waldemar da Costa que mandou depoimento por escrito, está morando em Macaé, Estado do Rio, estiveram presentes: Aldemir Martins, Francisco Rebol Gonçalves, Clóvis Graciano, Rafael Galvez, Fulvio Pennacchi, Alfredo Volpi, Otávio Araújo, Odete Góerson, Luis Sacilotto, Lotar Charoux, Geraldo de Barros, Luis Andreattini, Mário Gruber Correia, Gerda Brentani, Antônio Carelli, Hilde Weber e Alice Brill.

Disse Mário Chamie:

"A Secretaria Municipal de Cultura tem muita honra em abrir este encontro dedicado a depoimentos de artistas que, senão na sua totalidade, pelo menos na sua quase totalidade, tiveram ocasião de conviver com Sérgio Millet. Há um lado muito afetivo nessa homenagem, porque não só artistas que conviveram com Sérgio Millet puderam compreender a importância do trabalho desenvolvido por ele, mas escritores, poetas, professores, sociólogos — todos de alguma maneira estiveram à sombra das atividades e dos empreendimentos culturais de Sérgio.

Lembro-me perfeitamente das conversas que ele tinha com os jovens, aqui na Biblioteca, que dirigiu durante muito tempo, e também fora da Biblioteca, porque ele era um humanista de quatro paredes e um humanista de quatro cadeiras em torno de uma mesa de bar. Para Sérgio não havia muita esta distinção de espaço, quando a dádiva era o fato cultural. A homenagem é portativa, reveste-se desse caráter de memória afetiva. É muito importante lembrar que a atuação de Sérgio Millet foi civilizadora. Em 1945 ou em toda a década de 40, a pobreza museológica brasileira, não só a paulistana, não era mistério para ninguém. A ideia de conceber



Durante os depoimentos, de esquerda para a direita, Fulvio Pennacchi, Francisco Rebol Gonçalves e Alfredo Volpi. Em segundo plano, Rafael Galvez.



Retrato de Sérgio Millet, por Hilde Weber (1951).

uma Seção de Arte na então Biblioteca Municipal de São Paulo tem toda a força de um pioneirismo, porque através dessa Seção de Arte é que se funde a consciência da importância do Museu não só moderno, mas contemporâneo. Se pensarmos que hoje essa Seção de Arte se transformou numa divisão do Departamento de Informação e Documentação Artística que é o IDART, teremos a dimensão do valor da iniciativa de Sérgio Millet, porque através não só dessa divisão, mas particularmente do IDART, a Secretaria Municipal de Cultura tem possibilidades de construir uma memória do passado com uma memória do presente.

"Sérgio criou a possibilidade de um museu vivo — não mais um museu templo — e esse museu vivo terá logo a possibilidade de se efetivar, através da Biblioteca Metropolitana que inauguramos na av. 23 de Maio, ainda nesta gestão."

Um pioneiro

"Refletindo sobre a história das instituições culturais de São Paulo (as públicas e as particulares) observo que os pioneiros foram os artistas. Minha formação artística se deu nos anos 30 e o contato com Sérgio Millet foi muito importante. Trabalhamos juntos em sua casa de Campinas do Jordão. Sérgio queria comprar alguns quadros meus, mas não havia dinheiro; assim, trocávamos quadros por livros. E eu comecei a me informar, a ver obras, pois, em S.P. não havia museus. A partir de 1945, eu vinha visitar a biblioteca onde ele e Maria Eugênia, criaram a Seção de Arte. Sérgio comprava nossos desenhos e muitas vezes doávamos nossos trabalhos para o acervo. Era o livro e a obra de arte, tudo em contato muito vivo, num núcleo para o artista e para todos que queriam se informar sobre arte."

Clóvis Graciano apontou que a arte e o ambiente artístico hoje estão bastante desenvolvidos. Então não sendo ainda o ideal, diz que há um maior interesse da parte dos governantes e dirigentes em estimular esta esfera. "A morte de Sérgio Millet foi um acontecimento sério para os artistas e para a arte."

Raphael Galvez apresenta a visão de Sérgio na sua compreensão da situação dos pintores da época que não tinham apoio. "Sérgio Millet não ficou lá no seu escritório ou na sua casa e sim, desceu até os ateliês dos pintores que estavam começando a lutar pela renovação da arte. Esse contato foi ótimo pois o artista necessitava, não só do apoio material, mas também das informações..."

Fulvio Pennacchi se considera como revelado por Sérgio Millet: "Ele foi o autor do criativo que me pôs ao claro. Na primeira exposição de que participei, em 1936, ele adquiriu um quadro meu. Sérgio era um homem de muita cultura, de muita sensibilidade e de muito amor pelos artistas e pela arte."

Alfredo Volpi é breve: "Sérgio era um bom crítico e depois, um bom escritor."

Para Aldemir Martins "tudo o que nós devemos a Sérgio é a nossa formação extracurricular, ou seja, nós éramos semi-alfabetizados e o Sérgio nos proporcionou o contato com a informação sobre arte, além de se responsabilizar por outros aspectos de nossa carreira (contas, fladores etc...)".

A importância da seção de Arte da biblioteca para a formação e o desenvolvimento de alguns artistas fica evidente pelo depoimento de Otávio Araújo: "A seção de Arte funcionava como um centro catalizador. Lá ficávamos conhecendo algumas obras de pintores brasileiros da época. Foi a partir da biblioteca que muitos de nós — Grassman, Aldemir, eu mesmo — começamos a receber algumas encomendas de jornais, ilustrando artigos sobre literatura..."

O crítico de arte foi lembrado por Odete Guersoni: "Era um crítico claro, incisivo, às vezes enérgico; mas quando crítica mantinha um respeito pelo artista: se não gostava mesmo do artista, evitava falar sobre ele. Indiscutível."

"Para ter apoio num comprovante histórico objetivo, comecei a seleção a partir dos mais antigos registros de tombamento desses desenhos, nos quais são indicados a data e o número que receberam no tombo geral da Biblioteca. Desse núcleo inicial (1943-1945) a exposição se estende aos anos posteriores, para incluir artistas que, mesmo após a criação do Museu de Arte e do Museu de Arte Moderna, continuaram ligados à Sala de Arte da Biblioteca Municipal, dela encontrando um local de estudos e o sempre solicitado apoio de Sérgio Millet."

"Havia quase completado a seleção de desenhos para essa mostra, quando um problema de saúde me obrigou a deixar subitamente todos as atividades de trabalho, o que explica porque não pude estar presente à organização dessa homenagem e ao ato público em que Sérgio foi lembrado por alguns artistas das décadas 30 e 40."

"Confiei por isso o preparo da mostra e das atividades da Biblioteca Municipal a Maria Beatriz de Almeida, atual diretora da antiga Seção de Arte, hoje ampliada como Divisão de Biblioteca de Arte do IDART. Teve ela a colaboração museológica de Ana Maria Bezerra Guerra e de Sueli Cabrerizo Diem, para a montagem."

"Quando a tarefa de organização e coordenação dos depoimentos, na homenagem pública, coube a Lisbeth Rebol Gonçalves assumi-la, como pesquisadora da arte paulista daquele período e Supervisora da Área de Artes Plásticas do Centro de Pesquisa de Arte Brasileira do IDART."

"Colaborou toda a equipe de Artes Plásticas. Maria Eugênia pede desculpas pela sua ausência. Ao mesmo tempo, acha que essa ausência tornou a homenagem muito mais verdadeira, porque não foi a colaboradora de Sérgio, naquele período, que a coordenou e supervisionou. Gerações mais jovens procuravam ouvir, na palavra dos artistas, depoimentos sobre uma das raras e maternas personalidades da vida artística de São Paulo. Esta circunstância casual tornou esse encontro muito mais válido do que eu esperava."

Depoimentos dos artistas

Os artistas presentes para os depoimentos falaram, em ordem (resumos):

Francisco Rebol Gonçalves destacou a importância de Sérgio como seu orientador: "Eu vim de uma família de imigrantes e não pude como Sérgio, minha formação artística se deu nos anos 30 e o contato com Sérgio Millet foi muito importante. Trabalhamos juntos em sua casa de Campinas do Jordão. Sérgio queria comprar alguns quadros meus, mas não havia dinheiro; assim, trocávamos quadros por livros. E eu comecei a me informar, a ver obras, pois, em S.P. não havia museus. A partir de 1945, eu vinha visitar a biblioteca onde ele e Maria Eugênia, criaram a Seção de Arte. Sérgio comprava nossos desenhos e muitas vezes doávamos nossos trabalhos para o acervo. Era o livro e a obra de arte, tudo em contato muito vivo, num núcleo para o artista e para todos que queriam se informar sobre arte."

Clóvis Graciano apontou que a arte e o ambiente artístico hoje estão bastante desenvolvidos. Então não sendo ainda o ideal, diz que há um maior interesse da parte dos governantes e dirigentes em estimular esta esfera. "A morte de Sérgio Millet foi um acontecimento sério para os artistas e para a arte."

Raphael Galvez apresenta a visão de Sérgio na sua compreensão da situação dos pintores da época que não tinham apoio. "Sérgio Millet não ficou lá no seu escritório ou na sua casa e sim, desceu até os ateliês dos pintores que estavam começando a lutar pela renovação da arte. Esse contato foi ótimo pois o artista necessitava, não só do apoio material, mas também das informações..."

Fulvio Pennacchi se considera como revelado por Sérgio Millet: "Ele foi o autor do criativo que me pôs ao claro. Na primeira exposição de que participei, em 1936, ele adquiriu um quadro meu. Sérgio era um homem de muita cultura, de muita sensibilidade e de muito amor pelos artistas e pela arte."

Alfredo Volpi é breve: "Sérgio era um bom crítico e depois, um bom escritor."

Para Aldemir Martins "tudo o que nós devemos a Sérgio é a nossa formação extracurricular, ou seja, nós éramos semi-alfabetizados e o Sérgio nos proporcionou o contato com a informação sobre arte, além de se responsabilizar por outros aspectos de nossa carreira (contas, fladores etc...)".

A importância da seção de Arte da biblioteca para a formação e o desenvolvimento de alguns artistas fica evidente pelo depoimento de Otávio Araújo: "A seção de Arte funcionava como um centro catalizador. Lá ficávamos conhecendo algumas obras de pintores brasileiros da época. Foi a partir da biblioteca que muitos de nós — Grassman, Aldemir, eu mesmo — começamos a receber algumas encomendas de jornais, ilustrando artigos sobre literatura..."

O crítico de arte foi lembrado por Odete Guersoni: "Era um crítico claro, incisivo, às vezes enérgico; mas quando crítica mantinha um respeito pelo artista: se não gostava mesmo do artista, evitava falar sobre ele. Indiscutível."



Paulo Duarte.

mente a biblioteca era, num certo sentido, um pequeno museu, com sua coleção de pinturas de artistas brasileiros. Com a abertura dos Museus e das Bienais, naturalmente o interesse por ver obras autênticas transferiu-se para esses lugares. Mas como fonte de informação sua função continuou a mesma."

Do depoimento de Luis Sacilotto temos uma nova caracterização de Sérgio Millet como crítico de arte: "Ele não se prendia a nenhuma tendência, dava importância ao elemento humano em primeiro lugar. A princípio, não aceitava muito os propósitos dos concretistas, era até desfavorável. Mas, pelo contato com o nosso grupo acabou aceitando, achando válido — em nome de uma fonte de informação — a apresentação de uma exposição do grupo concreto para a galeria das Folhas."

Lothar Charoux enfatiza que o melhor aspecto na crítica de Sérgio é a compreensão que tinha para com os artistas e suas obras, independentemente de tendências.

A ausência no nosso atual panorama da produção crítica de um intelectual que exerça esta função de maneira tão vigorosa quanto exercitava Sérgio Millet foi o que destacou Geraldo de Barros: "Não se encontra um crítico com o seu estilo, com a sua maneira de fazer a coisa. Ele era um crítico que assumia compromissos, coisa que não vê nos dias de hoje..."

Luis Andreattini destacou, também, o estímulo de Sérgio a todas as tendências artísticas. "Além da influência indireta exercida sobre a crítica, Sérgio Millet influenciou diretamente o grupo a que se pertencia; o seu espírito aberto estimulava a liberdade de desenho, numa época em que todos pintavam e prova disso é o acervo da Seção de Arte..."

O que Sérgio Millet deixou, segundo Mário Gruber, foi um interesse que muitos jovens de hoje não conhecem, pelo homem em si, dentro de um humanismo mais amplo, característico daquela época.

Gerda Brentani destacou a figura de Sérgio segundo a sua visão de mulher: "Tudo o que se podia dizer sobre Sérgio, lá foi dito. Porém eu, como mulher, queria acrescentar uma coisa: era um homem de um charme incrível e uma simpatia cativante, por isso é que ele teve tantos amigos e deixou uma saudade imensa."

Antônio Carelli teve um contato tardio com Sérgio Millet, mas reconheceu a importância do trabalho dele com seus colegas e na sua atividade como crítico.

O valor da caricatura e da ilustração de jornal foi defendido por Sérgio, segundo depoimento da artista Hilde Weber. "Isto significou muito na época. E ai sentimos, também, a sua generosidade..."

Finalizando a série de depoimentos temos as palavras de Alice Brill que sintetizam o caráter afetivo da homenagem: "Devo a ele o primeiro erro de minha carreira, por ocasião da minha participação numa exposição de 1948, quando a Biblioteca adquiriu as minhas gravuras ali expostas. Não tive, infelizmente, um contato pessoal com Sérgio Millet, mas sinto, junto com os meus companheiros, o grande estímulo que ele nos deu e, hoje, a sua ausência."

Ausente, Waldemar da Costa enviou depoimento por carta, onde destaca o lado afetivo de Sérgio e, de como o amigo poderia contribuir criticando. "Em 1939 morávamos perto um do outro e eu dava um curso de história da arte. Sérgio dirigia-me, pela manhã, ao Departamento e parava no meu atelier para trocar ideias sobre o tema que eu iria tratar na próxima aula. Em geral, estávamos sempre de acordo e eu me lembro de uma vez, quando discordávamos e debatíamos até que um concessosse o outro."

Sérgio x Garcia Lorca

Na última 1.ª feira, dia 28, dando prosseguimento às homenagens prestadas a Sérgio Millet, Paulo Duarte proferiu palestra sobre Sérgio Millet.

O Secretário Municipal de Cultura, Mário Chamie apresentou o conferencista como criador de cultura, civilizador e humanista, qualidades estas manifestadas através do pensamento mas também da ação em "investimentos culturais" como a Universidade de São Paulo, a Revista Anhembi e o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Mário Chamie afirmou que, juntamente com Sérgio Millet e Mário de Andrade, formou a "base de uma pirâmide que não para de crescer, existindo de estrutura e de renúncia e de uma civilização brasileira". Pelo trabalho deles, nasceu o Departamento de Cultura que se amplia hoje em toda a Secretaria Municipal de Cultura.

Paulo Duarte iniciou sua palestra relacionando Sérgio Millet a Frederico Garcia Lorca, que, embora fossem personalidades tão diferentes, igualmente se dá a capacidade de compreensão humana, na batalha contra a estupidez dos ditadores. "Nenhuma dessas filosofias totalitárias valem uma imagem que seja de um poeta".

Ressaltando a importância da poesia no caráter da humanidade, concluiu que "por haver menos poesia na mente dos políticos modernos o mundo anda ameaçado". Durante toda sua apresentação Paulo Duarte alternou-se entre o tom de respeito e carinho pela memória de um intelectual íntegro como Sérgio Millet e o desencanto com a realidade cultural deste país onde "quem pretende dedicar-se à busca da verdade ou da beleza tem de comprar uma alma de missionário, de fazer, depois, voto de pobreza e de humildade e de renúncia e, finalmente, adquirir a certeza de que acabará comido pelo tupinambá". Sérgio Millet foi "um avitima da desilusão brasileira mas sem nunca ter sido um recalcado".

"Como homem de imprensa já começou, embora humildemente, no 'Le Carmel' em Genebra, em revistas de Bruxelas, Paris, até que voltando a São Paulo, colaborou na revista 'Klaxon'. Participou da formação do Departamento de Cultura onde Paulo Duarte recorda a atuação de dois grupos reunidos no apartamento da Av. São João: os revolucionários vinhos da Semana de Arte Moderna de 1922 e os evolucionistas chefiados por Amadeu Amaral."

Enquanto relatava a atuação profissional de Sérgio Millet, Paulo Duarte não deixou de fazer referência a pessoas que participaram de seus sonhos e realizações seja no plano intelectual, seja pelo apoio político. Na mesma medida em que recorda a colaboração de Fábio Prado e Armando de Sales Oliveira, Prefeito e Governador de São Paulo, na implantação do Departamento de Cultura, menciona a última desilusão de Sérgio Millet com relação a este mesmo Departamento quando da gestão do Prefeito Faria Lima. Após ter aceito o convite para a Direção do Departamento foi completamente ignorado pela administração pública que nomeou para o cargo "uma das maiores mediocridades das bandas". A política destruiu seus primeiros sonhos e depois foi o "meio em que veio viver, meio de egoísmo, de confusão, de desordem mental e de mediocridade". Essas desilusões levaram-no a uma permanente ansiedade; angústias que não "ficam acenando no porto de embarque. Elas viajam com a gente". Entretanto não há um "idealista teórico apenas, mas um operário efetivo", "inmutavelmente fiel à verdadeira inteligência".



Theon Spanudis.

Memória-8

Spanudis doa coleção ao MAC

LUIZ ERNESTO KAWALL

"Apelo, através de Artes Visuais, para que outros colecionadores deem também obras importantes ao MAC, como Antas Malafatis da sua curta fase expressionista; Tarsilas entre 23 e 1930; Witons Dacostas construtivistas; Volpis das fachadas das casas e das bandeirinhas da atualidade; De Flores e Bonadeis da última década da sua vida; Rubens Valentim característicos; e obras de quaisquer épocas, de Lasar Segall. Assim, junto com a coleção valiosa dos artistas da nossa doação, o MAC-USP se tornaria o mais completo Museu do País, de tudo de realmente válido no campo da pintura moderna que se criou no Brasil desde a década de 1920 até hoje."

Com o sorriso tímido, a voz delicada e a elegância dos gestos, que não esconde a finura do intelectual e ser humano que vive recluso no apartamento dos altos do espigão da Paulista, Theon Spanudis fala de sua doação — a segunda mais valiosa que o MAC recebe, depois de Yolanda/Cicello Matarazzo — feita agora ao Museu da USP, e que se concretizará num ato público, dia 13 próximo, às 20,30, em solenidade a ser presidida pelo Prof. Wolfgang Pfeiffer, diretor do MAC. E isso, exatamente: Spanudis doou (e já entregou) 325 obras de sua coleção ao MAC, e, além delas, ficou com um legado de 128 obras, que continuam em seu apartamento, e o acompanharão até a morte. Depois, passam ao domínio definitivo do MAC.

NO BRASIL

Theon Spanudis é um grego nascido em Smirna, em 1915, na Turquia, e doutorado em 1940 em Viena. Aqui chegou em 1950, para dar Curso de Psicologia Analítica e ensinar a prática da análise confessional freudiana a jovens psiquiatras e interessados em geral. Recém-chegado, manteve, além do Curso, uma pequena clínica particular na Vieira de Carvalho, onde atendia 6 clientes pioneiros, e, logo, começou a frequentar ateliês de pintores, interessando-se de imediato por artistas cuja obra julgava esteticamente valiosa. Foi o primeiro crítico de arte, profissão paralela à sua atividade de psicanalista, a descobrir e colecionar o Volpi construtivista dos anos 50, e o Silva (José Antônio) da primeira fase, demônio/dionisíaco, conforme artigo que publicou em "Diálogo". Além de Volpi — que passou a frequentar todos os sábados, no ateliê do Cambuci — e Silva, Spanudis foi "descobridor" extasiado toda uma série de artistas brasileiros, que afinal formaram a sua decantada coleção, que expôs em 1978 na Cia. Porto Seguro, e que agora, afinal, deságua, no MAC-USP.

Há alguns anos, Spanudis vendeu parte da coleção — especialmente Volpis e Silvas — e comprou 16 pequenos apartamentos que lhe dão renda fixa suficiente para viver tranquilo e comprar, novas obras de arte. Faz poesia em português, em grego e em alemão. Traduz, escreve artigos e críticas, vive e incorpora a cultura brasileira, sem bitonalismos e unilateralismos.

Spanudis não quer mais trocar o Brasil por nenhum país do mundo, nem sua terra de origem, tão irmanado está entre nós e, em especial, com o grupo de artistas que encanta seu senso estético — os geométricos e construtivistas de sua devoção profunda, metafísica.

A COLEÇÃO

A coleção de Spanudis começou em 1950, e foi feita "por amor, sem objetivos comerciais", diz.

A coleção, iniciada com a série de telas "Briqueiros Populares", de Volpi, chega hoje a um total de 453 obras, das quais 325 entregues ao MAC, ficando 128 no legado. São pinturas, obras gráficas e objetos, reunidos pacientemente por Spanudis, que adquiria cada trabalho com o ganho da psicanálise, e "eu sempre ganhei bem, tinha até carro com chofer", diz ele. Assim, reuniu o Volpi construtivista "para quem, naqueles anos de 30, ninguém ligava" — o mágico e telúrico primitivista José Antônio da Silva, Arnaldo Ferrari, perceptual e introspectivo, construtivista originalíssimo; Fang, genial, um dos maiores artistas do país; Valdeir Maciel, construtivista esotérico e geométrico metafísico;

Jandry Waters, construtivista alegre, inquieta e vivaz; Eleonor Koch, a única aluna de Volpi, hoje residente em Londres, hábil colorista; Mira Shendel, geométrica de alta dramaticidade; Odriozola, dum grafismo árabe e lírico; Niobe Xandó, sensível simbólica e religiosa; Barbara Spanudis, de agudo senso estético e lírico; Trindade Leal, Sacilotto e tantos outros."

Theon Spanudis diz ter feito a doação, por estes motivos: 1.º, por não ter filhos; 2.º, por não desejar dividir a coleção, doando-a, por exemplo, em partes, a amigos e artistas; 3.º, desejo de manter unida a coleção; cláusula que o MAC desde o início aceitou bem como outras condições, como a de expor permanentemente a coleção, editar catálogo de referência das obras, num seccionário ou vendê-la, etc.; 4.º, aceitou sugestão de Clara Sancoovsky e Luiz Ernesto Kawall de fazer a doação ao MAC, ao invés de instituir uma fundação que abrigaria as obras; 5.º, deixar "algo imperceptível ao nosso povo, em termos de melhor arte brasileira".